

Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	Boletim Rede Vida nº 309
Fonte	
Data	21/5/99 Pg
Class.	69

Rede Vida

O Boletim Rede Vida é produzido pelo Instituto Centro de Vida – ICV

***** Edição 309 ***** 21/05/99 *****

- PROTOCOLADO EIA/RIMA DA HIDROVIA ARAGUAIA-TOCANTINS
- INPE MONITORA GASES EMITIDOS EM QUEIMADAS
- MUNICÍPIO DO RIO TERÁ EXPERIÊNCIA AUTO-SUSTENTÁVEL
- COMÉRCIO DE TRANSGÊNICOS NÃO ESTÁ LIBERADO
- FAÇA CONTATO

PROTOCOLADO EIA/RIMA DA HIDROVIA ARAGUAIA-TOCANTINS

Durante o III Encontro sobre Corredor Multimodal Centro-Norte e Hidrovias, realizado ontem (20/5) em Cuiabá, o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, informou que Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/Rima) referentes à Hidrovia Araguaia-Tocantins foram protocolados no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama). O número do protocolo é 623/99.

O projeto da hidrovia Araguaia-Tocantins estava paralisado há dois anos, quando a ong Instituto Sócioambiental (ISA) moveu uma ação judicial contra o Comitê da Hidrovia, representando as comunidades indígenas Xavante de Areiões e Pimentel Barbosa. Além do ISA, outras organizações não-governamentais estão preocupadas com as conseqüências ambientais à região, uma delas seria o assoreamento e até extinção de alguns afluentes do rio Araguaia.

Na semana passada, ongs e outras entidades civis de Mato Grosso se reuniram com promotores do Ministério Público de Goiás, Mato Grosso e Tocantins para discutir a formação de uma equipe de especialistas para analisar e debater o EIA/Rima da Hidrovia Araguaia-Tocantins. Durante a

reunião, ficou decidido que as ongs de Mato Grosso vão subsidiar com informações os Ministérios Públicos desses três estados e o ISA.

Lideranças de vários povos indígenas, entre eles os Javaé, Xerente, Tapirapé, Krikati e Karajá, preocupados com os impactos que podem sofrer, elaboraram um documento, divulgado em março, em que declararam que a hidrovía não vai melhorar a qualidade de vida da população do Araguaia. Declararam também no documento que os projetos que atingem a região precisam ser debatidos com os pequenos produtores, os povos indígenas e a população ribeirinha, o que não aconteceu com o projeto da Hidrovía.

O advogado do ISA, Sérgio Leitão, que entrou com a ação judicial disse ontem (21/05) que o ISA vai acompanhar a apresentação e a discussão do EIA/RIMA apresentado, mas que, além destes estudos é necessário também para que as obras da hidrovía passem pelas reservas indígenas que haja autorização do Congresso Nacional e prova de que ela não causará danos aos índios.

“Este EIA/RIMA está se constituindo apenas numa providência burocrática” – aponta Leitão – “é não acreditamos que ele tenha argumentos capazes de provar que o efeito da hidrovía sobre o meio ambiente sejam mitigáveis”, afirma.

Segundo ele, o impacto da hidrovía Araguaia-Tocantins é tão grande que não existe acúmulo tecnológico e técnico capaz de avaliar em toda a extensão os impactos de tal empreendimento. A razão, diz Leitão, é bem clara: “A bacia Araguaia-Tocantins possui uma área de alagamento bastante extensa. O perigo é que ao construir a hidrovía, após as obras de derrocamento e drenagem, o complexo vivo não sobreviva nas suas interações, como já aconteceu com grandes rios de outros países. Todas as grandes hidrovias do mundo mataram os rios e criaram apenas um canal de água, que serve à navegação”.

INPE MONITORA GASES EMITIDOS EM QUEIMADAS

Os gases emitidos durante as queimadas se movem para outras regiões que também podem sofrer os efeitos dos incêndios. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) está realizando uma pesquisa em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, para monitorar o efeito desses gases. Para tanto, uma estação móvel foi instalada no Departamento de Pesquisa Agropecuária e Treinamento (Depat) da Empaer, que vai medir a emissão de ozônio, dióxido e monóxido de carbono. Os números serão coletados por um balão que alcançará 35 quilômetros de altura.

Pelas informações obtidas pelo balão será possível avaliar melhor os efeitos das queimadas no Cerrado brasileiro e poderá saber até que ponto há influência em outras regiões.